



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10984 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21/GT 23 - Educação, Gênero, Etnia e Sexualidade

A MONITORIA E A QUESTÃO DO GÊNERO NA FORMAÇÃO INICIAL EM CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Ana Carolina Dias Semblano - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Marta Genú Soares - UEPA - Universidade do Estado do Pará

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

INTRODUÇÃO

Ao debater sobre as relações de gênero ao permear o ambiente escolar e perpassar pelas Universidades, onde os(as) professores(as) exercitam a autonomia e a liberdade para abordar o tema com os(as) estudantes, indica o compromisso com a causa e a responsabilidade com a informação e formação de sujeitos críticos e reflexivos. Docentes de escolas e Universidades possuem uma responsabilidade de abordar as temáticas sociais e educativas, a exemplo do campo do gênero e todas as diferenças e erros que estão presentes na sociedade quando se trata desse assunto.

Cumprido ao(a) professor(a) tratar sobre conteúdos que são cabíveis a si e, pensar para além do seu campo de estudo, ao se apropriar de conteúdos transversais aos que lhe são de disciplina ou área de interesse. Escolas e Universidades são espaços propícios para tecer uma discussão sobre o campo do gênero, onde os(as) professores(as) têm uma “responsabilidade ética na construção da visão que meninos e meninas têm sobre a desigualdade” (BASSALO, 2010, p. 137).

Ao considerarmos que as escolas são ambientes propícios para promover a transformação social e podem contribuir na formação de seres humanos, os quais podem reproduzir as desigualdades, ou podem ajudar a transformar as situações de injustiça social (BASSALO, 2010), e que professores abordam dentro das Universidades o que é inerente às relações de transformação da sociedade.

Para que haja a consciência dos(as) professores(as), é necessário que desde a graduação, seja um(a) educador(a) que se ocupe de temas sociais como as injustiças sociais

que muitas pessoas vivem, o que inclui as questões de gênero. Para tanto, é imprescindível que essa formação acadêmica seja pautada em um ideal igualitário, e que haja principalmente respeito e ética profissional.

Ao tratarmos do assunto de gênero, relacionamos com as monitorias acadêmicas e sua natureza e finalidade dentro da Universidade. A monitoria acadêmica é um processo que pode ser vivido dentro da Universidade, o qual contribui para a formação profissional e pessoal do(a) acadêmico(a), para tanto, é necessário que os(as) docentes interessados(as) em ter monitor(a) para auxiliar no decorrer da disciplina, façam a solicitação junto as coordenações dos cursos para então disponibilizar vagas para serem ocupadas por acadêmicos(as) dos cursos.

A monitoria acadêmica nas licenciaturas integra a discussão ao poder contribuir na formação de futuros professores que enfrentarão questões diversas dentro das escolas, incluindo o debate de gênero e suas relações com o campo educacional. Onde o que chamou atenção para a realização deste estudo foi a relação entre o gênero dos(as) professores(as) e a oferta de vagas para monitoria.

No Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará (CEDF/UEPA), são disponibilizadas por ano, em média, 12 vagas voltadas para a comunidade estudantil, sendo que as vagas são preenchidas por meio de um edital que é disponibilizado para quem quiser e se encaixar nas condições para ser monitor(a), por meio da média do componente curricular a ser pleiteado e da prova escrita.

Em virtude da vivência pessoal do processo de monitoria acadêmica do CEDF/UEPA, justifica-se a realização do estudo, onde demonstramos a relação direta dos gêneros com a disponibilidade de vagas pleiteadas para a monitoria acadêmica no campus.

A partir da busca dos editais de monitoria do CEDF/UEPA entre os anos de 2016 e 2019 e a análise dos componentes curriculares e gênero dos(as) professores(as), analisamos como as relações de gênero se manifestam na oferta de vagas de monitoria e os componentes curriculares que elas são ofertadas no processo seletivo de monitoria bolsista/voluntária.

REVISÃO DE LITERATURA

Em um idioma que contempla o masculino como regra, onde as mulheres são a exceção (BASSALO, 2010), não é de se estranhar que haja tanta desigualdade até os dias atuais. O feminino é historicamente marginalizado perante a sociedade, as mulheres são vistas como frágeis e incapazes, onde o homem é exaltado em nossa sociedade.

De acordo com Narvaz e Koller (2006, p. 49), as mulheres são historicamente “marcadas por diversas formas de violação de seus direitos”. Em um modelo de sociedade que deixa as mulheres como segundo plano, é comum, mas não normal, que as desigualdades

diversas ocorram, sejam nas questões de gênero, questões raciais ou sociais, preconceitos estes que são culturais em uma sociedade que tem como Presidente da República o exemplo perfeito de como não ser como pessoa, como homem, e muito menos, como Presidente da República Federativa do Brasil.

Em contraponto aos interesses dos homens, que são socialmente e culturalmente beneficiados, estão as mulheres, que são historicamente marginalizadas em nossa sociedade. Ocupamos um lugar de segundo plano ao longo dos anos e a luta está sendo feita até os dias atuais.

Milenarmente oprimidas, silenciadas e excluídas da história oficial, as mulheres, finalmente, vêm se dando conta dos condicionamentos impostos pelas ideologias de gênero, passam a questionar sua condição subordinada e se organizam para traçar os rumos de uma nova história (SADENBERG, 2011, p. 17).

As mulheres tem conquistado seu espaço na sociedade aos poucos, segundo Sadenberg (2011), são conquistas históricas que merecem respeito, seja no campo profissional, acadêmico ou até mesmo no lar, onde, segundo o modelo de sociedade machista que nós temos, as mulheres têm o dever de cuidar do lar.

Ainda sobre a luta por espaço na sociedade, as mulheres tem conquistado o espaço na política, mesmo tendo o direito ao voto após mais de 40 anos de luta (MEYER, 2010) e com a primeira mulher Presidenta do Brasil deposta através de um golpe parlamentar que foi disfarçado de impeachment (ARROYO; GOMES, 2017), o que resultou em impactos negativos diretos a educação e congelamento do orçamento para os próximos anos.

A formação de professores(as) é um campo importante para o debate das desigualdades, pois são os(as) professores(as) que podem se apropriar de questões diversas e abordar dentro das escolas de forma reflexiva. A comunidade precisa ser informada que a educação não é formada apenas de assuntos específicos dentro das disciplinas, mas que é preciso debater o que ocorre na sociedade em geral. Para Bassalo (2010), assim como a escola pode ser um ambiente de transformação social, pode se tornar ainda um lugar de reprodução das desigualdades que estão presentes em nossa sociedade.

A formação de professores(as) pautada em um ideal igualitário de sociedade, em que não haja privilégios e que todos(as) sejam tratados(as) de forma igual, sem distinção de gênero, raça ou classe social, favorece a compreensão, pela sociedade, das questões de gênero de e de direitos sociais. Para Arroyo e Gomes (2017), as desigualdades são transmitidas de geração em geração e debater sobre as desigualdades com o objetivo de extingui-las no campo universitário e escolar é necessário, mas para isso, é preciso que os(as) professores(as) formadores(as) sejam conscientes de que para haver a mudança necessária, é preciso ter diálogo com a comunidade escolar e acadêmica.

Para contribuir com a formação crítica dentro do ambiente universitário, o processo de monitoria acadêmica pode se tornar um importante canal de fomento a esse objetivo comum. Para Dantas (2014), a proximidade do(a) aluno(a) com o(a) professor(a) universitário(a) ajuda a contribuir com a formação crítica desse(a) monitor(a), onde além de poder participar do planejamento das aulas, o(a) acadêmico(a) tem a possibilidade de conviver com outros(as) estudantes durante o processo de monitoria.

A monitoria acadêmica chegou nas Universidades brasileiras no ano de 1968, visando dar oportunidade aos(as) acadêmicos(as) de se familiarizarem ao que é inerente dentro da docência universitária, esses(as) monitores eram escolhidos(as) por se aproximarem mais aos conteúdos que eram ministrados pelas disciplinas e tinham a oportunidade de acompanhar os(as) professores(as) nas diversas atividades acadêmicas (DANTAS, 2014).

As contribuições da monitoria no sistema universitário são diversas, para Amorim et al. (2012), as relações construídas com o(a) professor(a) orientador(a) vão além de transmitir técnicas e teorias para a docência universitária, pois colabora com a formação de um(a) profissional que possa ser capaz de promover a transformação na vida dos alunos de uma forma ética e justa para com seus educandos.

O reconhecimento da importância, dos(as) monitores(as), deve permear o ambiente universitário com o intuito de oportunizar a abertura de mais vagas, haja vista o quão importante a monitoria pode se tornar para todos(as), sejam professores(as), acadêmicos(as) e acadêmicos(as) monitores(as), oportunizando a dialogicidade e a criticidade na formação.

METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza por uma pesquisa documental com abordagem qualitativa, com dados dos editais publicados no site da Universidade do Estado do Pará acerca da disponibilidade de vagas para monitoria acadêmica no Curso de Educação Física da Universidade do Estado do Pará e as relações entre os gêneros dos(as) professores(as) orientadores(as).

Para a coleta de dados da pesquisa, fizemos uma análise nos editais dos anos de 2016, 2017, 2018 e 2019, onde demonstram todas as vagas disponíveis, bem como os departamentos nos quais as disciplinas fazem parte e os componentes curriculares pleiteados em cada ano. É importante salientar que no ano de 2020, por conta da pandemia do COVID-19, não foram disponibilizadas vagas para a monitoria acadêmica na UEPA.

Os dados foram apresentados em forma de tabela única com a divisão dos anos em que os editais foram disponibilizados, componentes curriculares e departamento no qual fazem parte, sendo feita a divisão de gênero dos(as) professores(as) que disponibilizaram vagas para a monitoria acadêmica nos respectivos anos de 2016 a 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As mulheres, por serem historicamente marginalizadas na sociedade, são suscetíveis a ter uma maior sensibilidade com seus pares sociais, Louro (2011) nos demonstra que o estudo sobre os gêneros emergiu do interesse de pesquisadores(as) por demonstrar que na sociedade existem diferenças entre os diferentes sexos e que o masculino é privilegiado em diversas situações.

De acordo com Meyer (2010), nada do que acontece é de forma natural, tudo se dá através de disputas e lutas sociais de culturas a partir do que se acredita. A monitoria, por si só, já foi criada com o intuito de facilitar a aprendizagem coletiva, mas então nos perguntamos se essa aprendizagem se dá apenas com disciplinas da educação física ditas do campo escolar.

A seguir apresentamos os dados que foram coletados com a pesquisa e posteriormente faremos uma discussão crítica acerca do que foi levantado.

Tabela 1: Relação entre vagas de monitoria para componentes curriculares ofertados e gênero dos(as) professores(as) em relação aos respectivos departamentos.

Componentes Curriculares	2016	2017	2018	2019
Departamento de Artes Corporais – DAC				
Políticas Públicas de Educação Física e Esporte e Lazer	X	♀	X	♀
Fundamentos do Lazer	♀	♀	♀	X
Fundamentos e Métodos do Jogo	X	♀	♀	♀
Fundamentos e Métodos da Dança	♀	♀	♀	♀
Estágio Supervisionado I	X	♀	X	X
Estágio Supervisionado II	X	X	♀	X
Educação Física Adaptada	♀	♀	♀	♀
Fundamentos Históricos da Educação Física, Esporte e Lazer	♀	X	X	X
Pesquisa e Prática Pedagógica I	♀	X	X	X

Fundamentos e Métodos da Ginástica	♀	X	♂	♂
Departamento de Morfologia e Ciências Fisiológicas – DMCF				
Anatomia Sistemática e Funcional	♀	♀	♀	♀
Departamento de Desportos – DEDES				
Fundamentos e Métodos do Esporte	♂	♂	♂	♂
TOTAL	7 mulheres / 1 homem	7 mulheres / 1 homem	6 mulheres / 2 homens	5 mulheres / 2 homens

Fonte: Elaborado pelas pesquisadoras com base nos editais de monitoria dos anos de 2016 a 2019.

O quadro 1 nos demonstra que as vagas de monitoria dentro do CEDF/UEPA são predominantemente distribuídas no Departamento de Artes Corporais (DAC), onde a presença é hegemonicamente feminina a frente dos componentes curriculares disponibilizados nos editais de 2016 a 2019, podendo ainda nos induzir a pensar que os professores (homens) do curso não são muito adeptos a esta prática acadêmica.

Oportunizar aos alunos disponibilizando vagas de monitoria para ajudar não só financeiramente, mas também na formação pessoal e profissional, além de compreender que a monitoria exerce uma importância fundamental e ocupa uma função essencial dentro das Universidades, nas relações interpessoais que o(a) monitor(a) constrói durante o processo de aprendizagem com estudantes e professores(as).

De acordo com Taffarel, Lacks e Santos (2006), a monitoria pode possibilitar uma troca interpessoal com professores(as) e acadêmicos(as) e contribuir com a superação das incertezas de ser professor(a) dentro dos cursos de licenciaturas. A possibilidade do estreitamento de laços e criação de uma identidade profissional (MARIANO, 2012) desse(a) futuro(a) docente, sem dúvidas, contribui para o crescimento individual e coletivo para com seus pares dentro da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível inferir, de acordo com o editais de publicação de vagas para monitoria do CEDF/UEPA, a prevalência de mulheres que oportunizam aos(as) acadêmicos(as) de serem monitores(as) dos componentes curriculares, haja vista que essa prevalência se dá nas disciplinas do departamento de artes corporais, que são predominantemente ministradas por

professoras do gênero feminino.

Existem inúmeros fatores que podem fazer com que professores do gênero masculino não façam questão de ter monitores(as) nas disciplinas, entre eles pode ser o fato de acharem que não precisam de monitores(as) ou que seria inútil ter alguém para somar junto a disciplina, o que demonstra mais uma vez que é importante haver o debate sobre a importância da monitoria com os(as) docentes(as) universitários(as).

O que é inegável, se tratando da presente pesquisa, é que as mulheres professoras do CEDF/UEPA são mais adeptas a essa prática, os motivos que as levam a destinar um lugar ao lado delas podem ser pesquisados em um trabalho futuro, deixando espaço para essa investigação, a qual parece simples, mas que na verdade é essencial, ao saber porque mesmo após tantas lutas e vitórias das mulheres em diversos campos, o gênero masculino continua cometendo erros antigos que já eram para terem sido extintos.

Palavras-chave: Gênero; Monitoria; Formação de professores; Educação física.

REFERÊNCIAS

AMORIM, R. M. de; LIRA, T. H. de; OLIVEIRA, M. P. de; PALMEIRA, A. P. O papel da monitoria para a formação de professores: cenários, itinerários e possibilidades no contexto atual. **Revista Exitus**, 2012, 2(2), 33-47. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/100>.

ARROYO, Miguel; GOMES, Nilma. Possibilidades e limites para entender a relação entre PNE e diversidade em tempos de retrocesso: questões pendentes. In DOURADO, Luiz (org.). **Plano Nacional de Educação. PNE 2014/2024. Avaliação e perspectivas**. Campinas: Mercado das Letras, 2017.

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Relações de gênero e o papel da escola. No. STEVENS, Cristina et al (Org.). **Gênero e Feminismos: Convergências (In) disciplinares**. Brasília / DF: Ex Libris, 2010.

DANTAS, Otilia. Monitoria: Fonte de saberes a docência superior. **Revista brasileira Estud. pedagog.** (online), Brasília, v. 95, n. 241, p. 567-589, set./dez. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/301611386>.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.). **Pensamento Feminista Hoje: Perspectivas**

Decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LOURO, G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 3, n. 4, p. 62-70, 2011. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/31>.

MARIANO, A. L. S. A aprendizagem da docência no início da carreira: qual política? Quais problemas? In: **Revista Exitus**, v.2, n.1, janeiro/ junho de 2012. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/67>.

MEYER, Dagmar Estermann. **Gênero e educação: teoria e política. (p. 11 – 29)** In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Orgs.). **Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 6. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

NARVAZ, M. KOLLER, S. H. Famílias e patriarcado: Da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, 18(1), pp. 49-56, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3093/309326332007.pdf>.

RAGO, Margareth. "Epistemologia feminista, gênero e história, In PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (Orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

SARDENBERG, C. Considerações introdutórias às pedagogias feministas. In: COSTA, Ana Alice; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; VANIN, Iole Macedo (Org.). **Ensino e Gênero: Perspectivas Transversais**. 2 ed. Salvador: UFBA/NEIM, 2011, v. 1, p. 19-38.

TAFARREL, Celi. Z.; LACKS, Solange; SANTOS, Claudio. L. Formação de professores de educação física. **Revista Motrivivência**. Ano XVIII, nº 26, p. 89-111, Jun./2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/681>.